



X Fórum Nacional NEPEG | de Formação de Professores de Geografia

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

ESTUDOS DA CIDADE COMO CAMINHO DE APROXIMAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO ESTÁGIO EM GEOGRAFIA

Léa Maria Gomes da Costa¹
Universidade do Estado do Pará-UEPA
lmgc1298@gmail.com

Resumo: Este trabalho aborda a experiência de implantação de um projeto intitulado Ver, ler, grafar o espaço urbano junto ao estágio obrigatório do curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e ao programa de Residência Pedagógica (CAPES/UEPA). O projeto foi executado durante o período de agosto de 2018 a dezembro de 2019 em duas escolas da rede pública estadual de ensino, ambas localizadas em áreas periféricas da região metropolitana de Belém (RMB). Teve como embasamento teórico-metodológico a perspectiva de que a construção de abordagens educativas pautadas no estudo dos arranjos espaciais da cidade e do fenômeno urbano pode representar caminho de desenvolvimento de uma práxis educativa e de aproximação entre o saber acadêmico e o saber escolar. Metodologicamente o projeto foi organizado em três grandes eixos de ação: atividades de planejamento; práticas educativas e ações de avaliação e socialização. Os resultados alcançados demonstram que a integração da prática de estágio com projetos pautados em abordagens dos campos de conhecimento geográfico, como o estudo da cidade, possibilita a ressignificação da atuação dos licenciandos, pois estimula o desenvolvimento da autonomia e a busca de práticas educativas significativas que envolvem o trabalho a partir do espaço vivido e percebido dos educandos da escola básica; contribui para o fortalecimento da relação universidade-escola e, na perspectiva da docência universitária, pode fomentar práticas de estágio que tenham a pesquisa enquanto princípio formativo e educativo.

Palavras-Chave: Estudo da cidade; Estágio em Geografia; Relação universidade-escola; docência universitária.

¹ Professora Assistente da Universidade do Estado do Pará (UEPA), com atuação nos cursos de licenciatura em Geografia e em Pedagogia. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará (PPGEO-UFPA).

Introdução

Este texto parte da concepção de que o estágio é um componente curricular que propicia a articulação teoria-prática no contexto da formação de professores em geral e da licenciatura em geografia em particular. Neste sentido, concorda-se com Pimenta (1995, p. 63) quando esta o define como sendo uma “atividade instrumentalizadora da práxis (atividade teórica e prática) educacional, da transformação da realidade existente” e que no contexto da estrutura curricular ele deve contribuir para a formação de um professor reflexivo (PIMENTA, 2006) e para o desenvolvimento da pesquisa como princípio formador (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

No âmbito da formação de licenciandos em Geografia, considera-se que a integração da prática de estágio com as diversas abordagens dos campos do conhecimento geográfico constitui componente fundamental para a construção e aprimoramento do conhecimento geográfico e para sua prática enquanto saber acadêmico e escolar.

De acordo com Cavalcanti (2012, p. 11), a Geografia se constitui numa “ciência que estuda o espaço na sua manifestação global e nas suas manifestações singulares”. Em seus estudos a autora destaca a importância da construção de abordagens educativas voltadas ao entendimento dos arranjos espaciais da cidade e do fenômeno urbano e defende a existência de uma relação entre educação e cidade, tal relação fundamenta uma teorização pautada na noção de cidades educadoras (CAVALCANTI, 2001; 2012).

Defender um projeto de cidades educadoras é realçar seu caráter de agente formadora, sua dimensão educativa. Todas as cidades educam, à medida que a relação do sujeito, do habitante, com esse espaço é de interação ativa, suas ações, seu comportamento e seus valores são formados e se realizam com base nesta interação. Porém, a consciência dessa dimensão do espaço e da cidade permite a definição de fins educativos, de projetos educativos baseados em concepções conscientes de mundo e de sociedade (CAVALCANTI, 2001, p. 21).

Para Rego, Suertegaray e Heidrich (2001), a geografia e o seu ensino constituem ferramentas cognitivas de interpretação da realidade, propiciando uma “interpretação de um texto”, pois o espaço geográfico se oferece como um texto para as pessoas, tanto por meio de suas existências neste espaço (espaço vivido), quanto pelos fatos e dinâmicas que nele se apresentam (espaço percebido).

O estudo daquilo que se observa, que se “vê” no cotidiano de nossas cidades e metrópoles e a interpretação (leitura) dos arranjos espaciais urbanos se complementam pelo estudo-interpretação de suas diversas “grafias”, tais grafias podem ser/estar expressas tanto em representações gráficas (croquis, desenhos, mapas mentais), cartográficas (mapas, maquetes), quanto na representação literária, musical e na memória de antigos moradores.

Castellar (2005, p. 212-213) explicita essa ideia demonstrando os pressupostos que envolvem a leitura da paisagem, do espaço vivido a partir da representação cartográfica e sua importância para a construção do pensamento geográfico complexo.

Saber ler uma informação do espaço vivido significa saber explorar os elementos naturais e construídos presentes na paisagem, não se atendo apenas à percepção das formas, mas sim chegando ao seu significado. A leitura do lugar de vivência está relacionada, entre outros conceitos, com os que estruturam o conhecimento geográfico, como, por exemplo, localização, orientação, território, região, natureza, paisagem, espaço e tempo [...]. Para orientar-se, perceber as distâncias, localizar-se e compreender os fenômenos o aluno deve ler a paisagem e não apenas desenhar mapas. Deve começar a estabelecer relações entre os lugares, a ler os fenômenos em diferentes escalas, mobilizando o raciocínio e educando o olhar para que possa fazer a leitura do espaço vivido. O saber agir sobre o lugar de vivência é importante para que o aluno conheça a realidade e possa comparar diferentes situações, dando significado ao discurso geográfico – isso seria a concretização da educação geográfica, do mesmo modo que ocorre com a Matemática, a Física, ou outras áreas do conhecimento escolar.

Neste contexto, a leitura da cidade enquanto espaço vivido pode proporcionar a interpretação da realidade em sua complexidade e em sua diversidade, sendo a mesma aprofundada com a utilização de ferramentas de interpretação geográfica, como os conceitos de espaço, paisagem, lugar, região e território. Enquanto interpretação geográfica a “leitura do texto” não se constitui, portanto, um ponto final na relação do sujeito educativo com o objeto de estudo, mas um ponto inicial para uma intervenção transformadora no desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem em Geografia.

Considerando referenciais teórico-metodológicos como os acima dispostos foi proposto para o Curso de Licenciatura em Geografia² da Universidade do Estado do Pará (UEPA) o desenvolvimento da disciplina estágio por meio de um projeto intitulado “Ver, ler, grafar o espaço urbano: possibilidades de diálogo entre formação acadêmica e geografia

² O curso de Licenciatura em Geografia da UEPA pode ser considerado um curso jovem, sua primeira turma foi ofertada em 2011 no *campus* de Conceição do Araguaia (Sul do Pará) e a primeira turma de Belém, *campus* em que atuo, foi iniciada em 2013.

escolar”³. Enquanto experiência inicial, o mesmo integrou o programa Residência Pedagógica durante o período de agosto de 2018 a dezembro de 2019 e contou com a parceria de professores-regentes de duas escolas da rede pública estadual de ensino, EEEFM Paulo Fontelles de Lima e EEEFM Instituto Bom Pastor. As escolas estão localizadas em áreas periféricas da região metropolitana de Belém (RMB), a primeira no bairro da Pratinha, porção Norte de Belém e a segunda no bairro da Guanabara, em Ananindeua.

Em 2019 as ações do projeto abrangeram um universo de quase dois mil alunos nas duas escolas-campo, sendo 934 alunos na Escola Paulo Fontelles e 1022 alunos no Instituto Bom Pastor (conforme dados da etapa diagnóstica do projeto).

Fundamentado no princípio de integração entre universidade e escola básica, o projeto teve por objetivos:

a) promover estudos e discussões com licenciandos e professores da educação básica que resultassem na elaboração de propostas metodológicas de ensino para alunos do Ensino Fundamental e Médio que fossem pautadas nas habilidades de ver, ler, grafar o espaço urbano;

b) integrar licenciandos do curso de Geografia da UEPA, professores e educandos da educação básica num ambiente de troca de experiências e aprofundamento de conhecimentos, ensejando o fortalecimento e dinamização do processo ensino-aprendizagem na geografia escolar;

c) oportunizar melhor qualificação e formação acadêmica aos graduandos do curso de Licenciatura em Geografia da UEPA; e

d) estimular o registro da produção teórico-metodológica dos licenciandos e dos professores participantes do projeto.

Para o alcance de tais objetivos o projeto foi organizado em três grandes eixos de ação: atividades de planejamento; práticas educativas e ações de avaliação e socialização. Os três eixos de ação foram correlacionados com as atuações exigidas pelo programa de Residência Pedagógica, quais sejam: ambientação, imersão e regência do licenciando no ambiente escolar. A Figura 1 apresenta de maneira sintética a estruturação do projeto, destacando a correlação acima explicitada.

³ Projeto realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

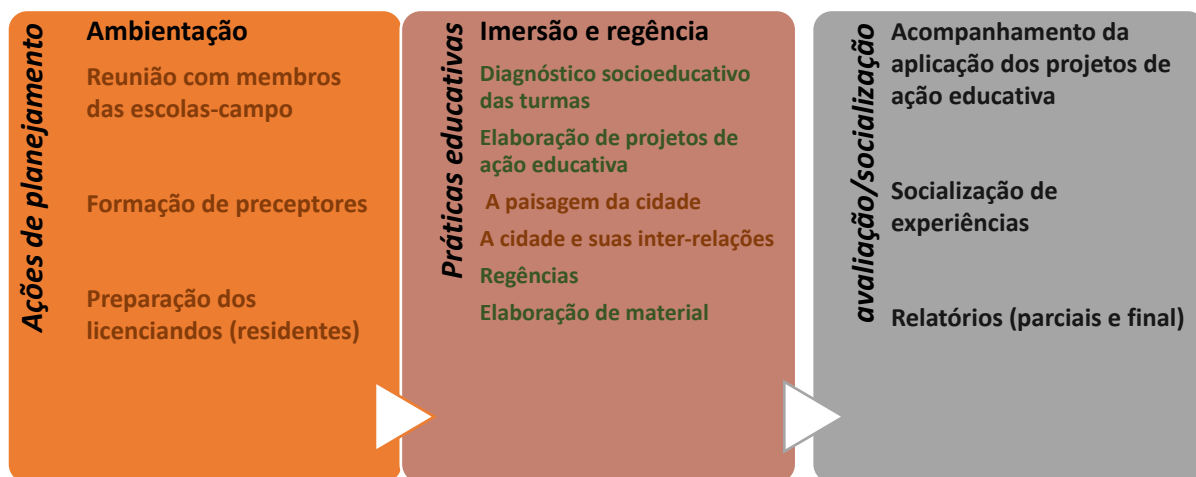


Figura 1 – GeoUEPA – Estruturação do projeto Ver, ler, grafar o espaço urbano. 2018-2019
 Fonte: COSTA, Projeto Ver, ler, grafar o espaço urbano, 2018, p. 6 a 9.

Considerando o caráter contínuo das ações de planejamento, avaliação e socialização, foi possível estabelecer outro processo de correspondência, agora entre a execução do projeto e a estrutura padrão ou tradicional de cumprimento dos três níveis do estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Geografia da UEPA (Estágios I, II e III), conforme representação constante na Figura 2.

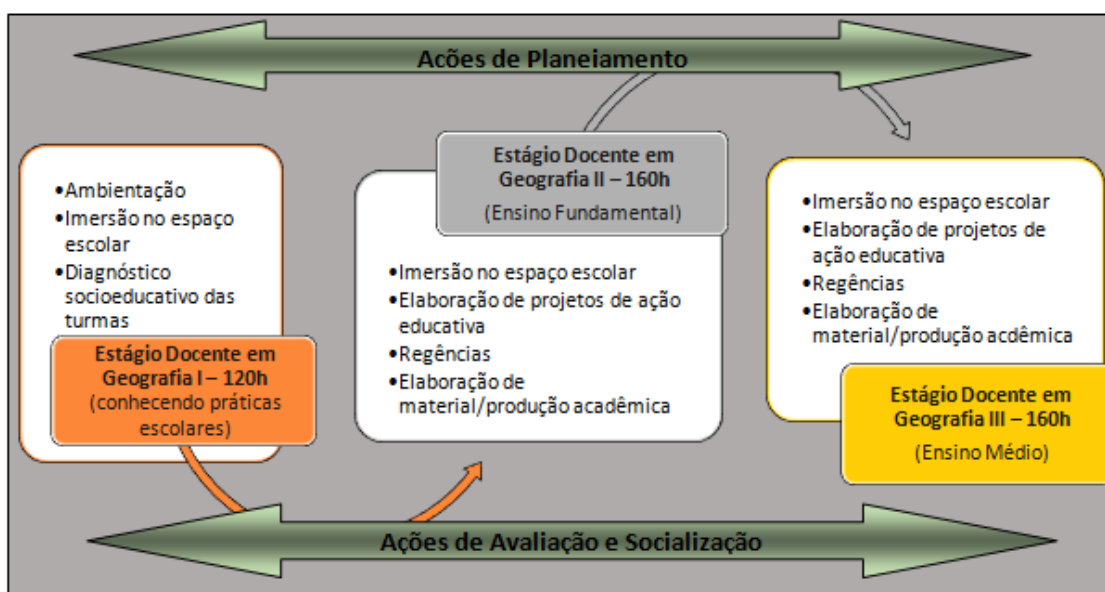


Figura 2 – GeoUEPA – Correspondência entre o projeto Ver, ler, grafar o espaço urbano e o estágio do curso de Geografia. 2018-2019.
 Elaboração: Léa Costa, mar./2019.

O estabelecimento desta correspondência teve como princípio favorecer o atendimento de licenciandos que cumpriram a disciplina Estágio sem a inserção no programa de Residência, quer seja por dificuldades na substituição de participantes⁴ ou pelo fato de precisarem cumprir um ou mais níveis da disciplina por meio de matrícula em dependência curricular. O mesmo pode, entretanto, servir como referencial para a continuidade do projeto e para que auxilie outros colegas na integração da prática de estágio com projetos pautados em abordagens dos campos do conhecimento geográfico.

Metodologia

Nas escolas-campo o projeto foi considerado como parte do currículo, o que favoreceu, principalmente no ano de 2019, a integração dos licenciandos com os diversos momentos e atividades que compõem o fazer pedagógico escolar, tais como: reuniões de planejamento, feiras educacionais, festas escolares etc.

As reuniões de planejamento do projeto foram realizadas no início e ao longo dos semestres letivos, envolvendo os participantes em discussão sobre os objetivos, procedimentos metodológicos e resultados a serem alcançados. Esta ação propiciou, portanto, a integração permanente das equipes de trabalho e contribuiu para que os integrantes se percebessem sujeitos das ações e co-responsáveis pelo desenvolvimento do projeto. Havendo, entretanto, momentos específicos com os licenciandos para discussão de textos, debates e orientação de projetos.

No processo de orientação foram estimulados de procedimentos metodológicos como rodas de conversa e discussão de textos; interpretação de letras de músicas e obras literárias; recortes de jornais; uso de desenhos e croquis; elaborações de textos/versos; uso de vídeos; elaboração de maquete e integração com outras áreas do conhecimento ou disciplinas, como a de Estudos Amazônicos.

Foram realizadas oficinas metodológicas destinadas à discussão sobre a apreensão e aprendizagem espacial dos educandos da educação básica e a importância do lúdico para desenvolvimento desta aprendizagem, para tanto foi feito o manuseio de jogos educativos, como o dominó geográfico (estados e capitais brasileiras), “mapa” quebra-cabeça (regiões

⁴ O programa de Residência Pedagógica limita o número de residentes em 24 bolsistas e 06 voluntários, podendo este último ser maior, mas sem o reconhecimento pela agência de fomento (CAPES/MEC). O edital de 2018 não previu adequadamente os mecanismos e/ou prazos para substituição de residentes, tal fator, acrescido do contingenciamento de recursos para o programa em 2019, prejudicou a inclusão de novos alunos no programa.

brasileiras)⁵ e atividades voltadas ao desenvolvimento de habilidades de localização e orientação espacial. Os materiais integraram o banco de recursos didáticos do projeto e foram disponibilizados aos licenciandos durante suas regências e aplicação de seus projetos educativos.

As ações que envolveram práticas educativas foram realizadas pelos licenciandos sob acompanhamento dos professores-regentes e da coordenação do projeto, dividindo-se em duas etapas: diagnóstico sócio-educativo e elaboração e execução de projetos de ação educativa. O desenvolvimento dessas etapas está sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1 - GeoUEPA – Práticas educativas do projeto Ver, ler, grafar o espaço urbano. 2018-2019

ETAPA 1	ETAPA 2
<p style="text-align: center;">Diagnóstico sócio educativo</p> <p>Levantamento da realidade socioespacial em que os alunos das escolas-campo estão inseridos e identificação da percepção que os mesmo possuem acerca do seu espaço de vivência e/ou da cidade.</p> <p>Nesta etapa adotaram-se fichas de registro para subsidiar a elaboração do perfil das turmas, elaboração de planilhas com os dados obtidos e referências acerca das percepções e ainda registros orais e escritos (artigos) sobre representações sociais demonstradas pelos discentes.</p>	<p style="text-align: center;">Elaboração e execução de projetos de ação educativa</p> <p>Elaborada após a etapa de diagnóstico e em consonância com os assuntos desenvolvidos nas turmas em atuação. Tendo como temáticas aglutinadoras:</p> <p>A paisagem da cidade – temática voltada ao desenvolvimento da habilidade de apreensão espacial, utilizando como ponto inicial a observação, leitura (percepção/interpretação) e representação da paisagem em que o educando estava inserido.</p> <p>A cidade e suas inter-relações – temática voltada ao aprofundamento do trabalho com as habilidades de localização e orientação espaciais do educando, explorando não só a localização de um determinado lugar (fixidez) – por exemplo, a localização do bairro da escola no mapa da cidade, ou ainda, dos diversos bairros onde os alunos residem –, mas as interações espaciais que o lugar (entendido como espaço de vivência) possuía com outros espaços (flexibilização).</p>

Elaboração: Léa Costa; fevereiro, 2020.

Os dados socioespaciais fornecidos pela etapa diagnóstica, como a percepção socioespacial dos educandos, local de nascimento e local de nascimento de seus pais, permitiram o enriquecimento das propostas elaboradas pelos licenciandos, oportunizando

⁵ Foram utilizados jogos elaborados com material didático de fácil acesso nas escolas, como isopor, madeira, cola colorida e outros, os quais haviam sido elaborados em experiências anteriores com projetos de formação continuada para professores da educação básica e com o Programa Interinstitucional de Bolsas de iniciação à Docência (PIBID, 2014-2017).

abordagens de temas como a migração campo-cidade, expansão urbana e metropolização de Belém.

Algumas propostas versaram sobre a percepção da paisagem da cidade, indagando os discentes de turmas do ensino fundamental e do ensino médio sobre a paisagem do lugar onde eles moravam (bairro e/ou cidade), se a mesma apresentava diferenças socioespaciais, expressas na tipologia das moradias, por exemplo, e o porquê dessas diferenciações. Tais propostas consideraram educando como um ser participante/atuante da e na realidade em que está inserido, estimulando a sua compreensão enquanto sujeito social.

Os dados levantados também subsidiaram a realização de oficinas de iniciação cartográfica voltadas à elaboração de mapas temáticos para representação da localização das escolas-campo e da moradia dos discentes, as mesmas, as mesmas envolveram o manuseio de *softwares* de acesso livres, como o QGIS e o Google Earth e o uso de dados dos censos demográficos do IBGE de 2010.

Um procedimento metodológico utilizado pela Geografia, tanto científica, quanto escolar para o desenvolvimento das habilidades de observar, ler e grafar o espaço é o desenvolvimento do trabalho de campo, nele, entre outros elementos, pode-se explorar as transformações da paisagem e do espaço

No desenvolvimento das propostas de ação educativa utilizou-se o trabalho de campo orientado – o qual foi realizado a partir de “tarefas” dadas pelos licenciandos e executadas pelos alunos – e o trabalho de campo monitorado, com atuação direta do licenciando acompanhando as turmas. Por escassez de recursos e logística o trabalho de campo monitorado ocorreu nos arredores das escolas-campo e em algumas áreas dos bairros em que as mesmas se localizam.

Nos trabalhos de campo realizados com turmas do ensino médio foi possível o levantamento da percepção dos educandos sobre o processo de formação das cidades na Amazônia (fase ribeirinha, fase rodoviária) e da expansão urbano-metropolitana de Belém (iniciada em torno da via férrea da antiga Estrada Belém-Bragança e depois consolidada em torno de eixos rodoviários, como a BR 316). Temas como conurbação urbana; tipologia de moradias; diferenciação e desigualdades socioespaciais; atrativo populacional ocasionado pela disposição de áreas industriais e portuárias na cidade; crescimento urbano e história dos bairros foram abordados e levados para debate e exposição em sala de aula.

A cada semestre foram feitas análises dos avanços educacionais obtidos e dos objetivos alcançados, assim como o estabelecimento de estratégias para superação dos entraves de ordem educativa (como dificuldade nas regências das turmas ou de conciliação das etapas do projeto com a dinâmica escolar) e de infra-estrutura (reformas nas escolas) detectados no desenvolvimento do projeto. A avaliação da aplicação do projeto se deu, portanto, de forma processual e contínua.

Já a avaliação dos licenciandos ocorreu a partir do acompanhamento dos professores-regentes e da coordenação do projeto, especialmente nos momentos de socialização de experiências onde os mesmos expunham os avanços e limitações de suas atuações.

Resultados e discussões

Considera-se que o desenvolvimento do projeto Ver, ler, grafar o espaço urbano constitui um caminho promissor para a aproximação e ampliação do diálogo entre a Geografia científica e a Geografia Escolar, que em grande medida se constitui campo primaz de atuação profissional do geógrafo. Esta constatação se assenta na possibilidade aberta por meio da realização do mesmo de ressignificar a atuação dos licenciandos, estimulando sua autonomia e autoconfiança, pontos fundamentais na formação de um professor reflexivo (PIMENTA, 2006). Como demonstração, tem-se fragmentos de considerações feitas pelos próprios licenciandos, em seus relatórios finais.

“A experiência em sala de aula é sempre diferenciada, cada escola tem suas particularidades e limitações. Em cada estágio novos desafios foram enfrentados, o que diferencia a experiência com o RP é a questão do projeto de ação pedagógica e o próprio planejamento através do plano de atividades. Isto auxiliou com que pudéssemos organizar e traçar objetivos enquanto professores em formação, para além de simplesmente cumprir carga horária e receber, ao final, uma nota para a disciplina” (Gabriela de Jesus Gama da Silva, 2019).

“O estágio tratado apenas como prática corre o risco de produzir discentes que apenas observam e copiam “modelos” que julgam corretos. Diminuindo a atividade docente ao fazer. Sem dar o devido valor a sua própria formação intelectual. [...]”

Nos dois primeiros estágios que realizei foi possível perceber essa dicotomia, onde íamos à escola para observar e conseguir uma determinada quantidade de carga horária para cumprimos a disciplina. Tínhamos contato com os alunos e a escola, mas não exercíamos de fato uma função que pudesse aliar de forma gradual a teoria e a prática. Já no terceiro estágio, com a agregação do Programa Residência Pedagógica [...], tivemos oportunidade de criar e executar projetos dentro do estagio que nos deram uma autonomia maior, assim como experiência docente, agregando ao longo de seu desenvolvimento teoria e prática” (Roberta Barros dos Santos, 2019).

Por meio das propostas de ação pedagógica (PAE) o trabalho com os conhecimentos geográficos pôde ser desenvolvido não como “mais um conteúdo a ser decorado para a prova”, e sim como instrumento de indagação e desvendamento das dinâmicas presentes no espaço vivido e de des-re-construção de conhecimentos.

A pretensão de analisar a região por essa perspectiva, advém das diagnoses realizadas no início das intervenções junto à turma, as quais foram realizadas com o recurso do “Mural da Região Amazônica” construído pelos próprios alunos, [...] o resultado do mural mostrou que a noção de Amazônia para eles era, ainda, de um local longe de suas realidades, onde só havia mata e animais selvagens, ratificando (ainda que entre ela e a ação metodológica exista um tempo de quase duas décadas) a atualidade da obra de Gonçalves (2010), que propõe a quebra com as visões exógenas produzidas e construídas da Amazônia [...].

Esta (des)construção culminou na produção de fanzines elaborados pelos próprios alunos, utilizando imagens, textos curtos, desenhos para expressar o conhecimento que eles conseguiram construir, destaca-se a percepção deles como amazônidas e a relação entre imagens que não remetiam necessariamente a aspectos físicos e naturais da região, contactou-se nesse momento, que a noção de região amazônica ampliou-se, acredita-se que isso tenha ocorrido em função das metodologias utilizadas em sala e fora da mesma, atuando em conjunto com os conteúdos que faziam parte do espaço local dos alunos, os quais conseguiram construir uma aprendizagem significativa e que tem relação com sua vivência (Verônica Falcão MENDES, dez./2019).

Enfatizado o aprendizado utilizando-se da ferramenta música, obtêm-se, além de uma melhor participação dos alunos, uma expressividade dos conhecimentos e conteúdos trazidos por eles a respeito do assunto, que em uma aula de cunho mais tradicional não traria.

Foram produzidos ao todo 6 músicas, em relação a duas turmas de 1º ano de Ensino Médio, as músicas foram feitas por grupos de 3 a 5 alunos.

A título de exemplificação destacamos uma música feita pelos alunos João Pedro, Luan Santos, Caio dos Santos, Karla Eduarda e Luan Froz, discentes da Turma do 1º ano A/Tarde do IBP.

Transporte Globalizado

Nesse nosso mundo globalizado, é tanta coisa que eu fico abismado
Tecnologia avançada, comércio também, produtos japoneses em todo o lugar
Japão aquela “imensa fábrica flutuante” não para de exportar
Cipreste, pinheiro e zimbros, as melhores madeiras do Líbano,
usada ao invés nas casas dos libaneses,
é a mesa do presidente dos Estados Unidos
Cultura africana chegou até no Brasil, cultura chinesa na feira estadunidense, e assim a cultura vem tendo
seu próprio transporte
Nesse nosso mundo globalizado é tanta coisa que eu fico abismado.
(Brenda Almeida de ALMEIDA; Felipe Figueiredo da COSTA, dez./2019)

Na perspectiva da docência universitária considera-se, por fim, que a integração da prática de estágio com projetos pautados em abordagens dos campos de conhecimento geográfico, como o estudo da cidade, pode ser aprimorada e vir a fomentar práticas de estágio que tenham efetivamente a pesquisa como princípio formativo e educativo, sendo, por certo, fonte sempre renovada, de novos aprendizados.

Referências

- ALMEIDA, B. A.; COSTA, F. F. A geografia e seu ensino: a música enquanto ferramenta didática para o ensino de globalização. Resumo expandido apresentado no **Encontro de Geografia escolar no contexto paraense**. Castanhal, PA, 17/12/2019, pdf.
- CASTELLAR, S. M. V. Educação Geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos CEDES**. Campinas-SP, vol. 25, n. 66, p. 209-225, mai/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.
- CAVALCANTI, L. de S (Org.). **Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
- _____. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- _____. **A Geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Editora Papyrus, 3ª ed, Campinas, 2012.
- COSTA, L. M. G. Projeto **Ver, ler, grafar o espaço urbano**: possibilidade de diálogo entre formação acadêmica e geografia escolar. UEPA, Curso de Licenciatura em Geografia, Programa de Residência Pedagógica, 2018-2019. Pdf.
- MENDES, V. F. Uma proposta de ação metodológica: da alfabetização (geo)cartográfica à ampliação do conhecimento da região amazônica. Resumo expandido apresentado no **I Encontro de Ensino de Geografia da Amazônia**. Castanhal, PA, 17/12/2019, pdf.
- PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo um crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 17 a 52.
- _____. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 94, p. 58-73, ago. 1995.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- REGO, N.; SUERTEGUARAY, D. M. A.; HEIDRICH, A. O Ensino da Geografia como uma Hermenêutica Instauradora. **Terra Livre**, São Paulo, n.16, p. 169-194, 1º semestre/2001. ISSN 0102-8030